

## AS INFLUÊNCIAS DA DINÂMICA FAMILIAR NA RELAÇÃO APRENDENTE - ENSINANTE

CLÁUDIA SUELI RODRIGUES SANTA ROSA

Natal/RN – Brasil, 08 de janeiro de 2003

### RESUMO

O presente trabalho constitui-se num Relatório Final de Estágio Clínico e atende aos dispositivos do Curso de Especialização em Psicopedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Ao longo do texto, apresenta-se o caso de uma criança atendida, num dos consultórios do Serviço de Psicologia Aplicada – SEPA – UFRN, sob a supervisão da Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Leda Maria Codeço Barone. O estágio propiciou a realização de um diagnóstico, para que os cursandos pudessem articular as teorias com a prática. O título retrata a síntese das conclusões as quais chegou-se, em relação à queixa, sendo o fio condutor da discussão do diagnóstico, onde, na condição de aprendente, a criança rejeita a figura do ensinante, ocasionando problemas no processo de aprendizagem. O texto está organizado em quatro partes: a primeira, o Desenvolvimento, está subdividida em itens, para facilitar a compreensão do caso, os Instrumentos Aplicados, a Análise das Áreas: Pedagógica, Cognitiva, Corporal e Afetiva-Social, além das Considerações Críticas sobre a Avaliação. Apesar da segunda parte destinar-se à Discussão do Diagnóstico, a autora não se exime de comentar aqueles mais relevantes, desde o item destinado à exposição dos Instrumentos Aplicados. A discussão é desencadeada pela questão da agressão, que é discutida no contexto da queixa, realçando o quanto à dinâmica familiar repercute no desenvolvimento do indivíduo e, conseqüentemente, na aprendizagem. A fundamentação é tributária das idéias de Winnicott e de Levisky, este último baseado na Teoria Kleiniana. Nas conclusões inserem-se o encaminhamento para o caso. A Quarta, consta das Considerações Finais.

### I Parte – DESENVOLVIMENTO

#### 1 – IDENTIFICAÇÃO<sup>1</sup>

**Nome:** Renata **Data de Nascimento:** 04/02/91 (8 anos)

**Série que estuda:** 3<sup>a</sup>

**Bairro:** um conjunto habitacional da Zona Sul (“classe-média baixa”)

**Escola:** da Rede Particular

**Dados do pai:** Marcos – 44 anos – Auxiliar de Compras de uma empresa.  
Formação Superior em Ciências Sociais.

**Dados da mãe:** Sônia – 42 anos - Professora das séries iniciais.  
Formação Superior.

**Dados do irmão:** Carlos – 24 anos – Casado – 2º Grau concluído.

**Dados da irmã:** Mônica – 21 anos – estudante universitária.

#### PERÍODO DE ATENDIMENTO ( 07/04 a 19/08/1999)

07 a 19/04: três sessões, com a mãe.

26/04 a 08/07: oito sessões, com a criança.

24/06: uma sessão, com a professora (aconteceu na escola).

15/07 a 05/08: FÉRIAS

12/08: uma sessão de devolutiva à criança.

19/08: uma sessão de devolutiva à mãe e outra de devolutiva à Escola.

#### OBSERVAÇÕES:

1ª- Durante as sessões para queixa livre e anamnese, o pai não pode participar, fato que se repetiu na sessão marcada com o mesmo, para o dia 13/07 e que, sem prévia comunicação, não compareceu;

2ª- As sessões tiveram uma periodicidade semanal, inicialmente, acontecendo às segundas-feiras e, posteriormente, às quintas-feiras, sendo a pontualidade uma constante.

3ª- Além do período de férias, três sessões foram desmarcadas com a devida antecedência, sendo, destas, duas pela mãe e outra pela psicopedagoga.

#### 2- Queixa

O encaminhamento para a avaliação psicopedagógica foi feito pelo Serviço de Orientação Educacional da Escola, após algumas conversas com a mãe sobre as atitudes agressivas de Renata, a não-aceitação das regras de convívio social, o não-cumprimento das atividades escolares e, também, as dificuldades ortográficas, de legibilidade da escrita e da Matemática, na resolução de operações de divisão e multiplicação.

A mãe confirmou a queixa da Escola: *“- Renata está tirando o meu juízo, incomoda a todos com a sua agressividade, falta de limites e de respeito. É assim, em casa, na escola e em qualquer lugar”*. Destacou o fato de que Renata está acima do peso ideal, em virtude do exagerado consumo de doces e chocolates, chegando a comprá-los, sem autorização dos pais, e para os mesmos pagarem posteriormente. A exemplo da Escola, a mãe colocou as dificuldades de aprendizagem como um problema secundário, atribuindo, inclusive, como tendo sido decorrentes de *“falha”* da própria escola, no tocante a não-retomada de conteúdos não apreendidos, ressaltou o desinteresse de Renata pelo ato de ler e pelos estudos, de modo geral.

Com o atendimento psicopedagógico, tanto a escola quanto a família, disseram esperar conhecer formas que facilitem a convivência com Renata e a mudança de atitudes e de comportamento por parte da mesma. Em princípio, Renata disse não considerar necessário o encaminhamento que foi feito, embora tenha confirmado a queixa apresentada pela família e pela escola.

#### 3 – Anamnese

Renata ocupa, na família, o lugar da filha mais nova, terceira e última, aquela que nasceu quando a segunda filha tinha 13 anos. Não foi planejada e o pai a rejeitou, quando soube da gravidez da mãe. Já a mãe, viu na gravidez a oportunidade de por ocasião do parto, realizar a laqueadura de trompas, uma vez que, anteriormente, já havia provocado aborto por exigência do marido.

O período pré-natal foi, emocionalmente, bastante tumultuado para a mãe que conviveu com o total desprezo do marido. Do ponto de vista orgânico, a gravidez foi saudável e de nove meses. O parto foi normal, em condições adequadas e sem traumatismos.

Na sala de pré-parto, a mãe esteve depressiva ao saber que, por razões hospitalares, não iria se submeter à cirurgia para esterilização, fato que ocorreu seis meses após o parto.

Renata cresceu/cresce num ambiente de muitas discórdias, agressão física e verbal entre pai-mãe-filho (as) pai e até separação dos pais, quando Renata tinha nove meses de nascida, seguida de reatamento, após outros nove meses. Segundo a sua mãe, desde cedo, quando ela não presencia, ouve as brigas entre os pais, inclusive acredita que é possível que já tenha entendido que não foi desejada, pois, quando os pais discutem, não selecionam o que falam.

O desenvolvimento motor aconteceu no processo normal e, em relação à linguagem, foi considerada uma criança bastante precoce, pois, aos oito meses, falou as primeiras palavras e ouvia histórias, com atenção. Dormiu no quarto dos pais até os três anos,

embora, até hoje, acorde no meio da noite e procure a companhia de um adulto, em razão de o seu sono ser bastante conturbado, com permanente insônia, principalmente nos dias em que se excede nas brincadeiras, fica com medo de ficar sozinha no quarto e convive com constantes terrores noturnos e crises de sonambulismo.

Tomou todas as vacinas e as doenças que teve, até hoje, foram rubéola, pneumonia e anemia.

Mamou até os três meses, aos sete começou a comer sozinha e foram acrescentados grãos e carne ao seu cardápio e, até dois anos, comeu verduras. Atualmente não come praticamente nenhuma fruta. O peso está acima do normal e, de forma exagerada, consome doces e chocolates, chegando a sentir-se mal, tendo que ser medicada.

Nos passeios que faz com os familiares sempre acaba provocando discórdias.

Não tem tiques nem manias.

Desde os seis anos, pergunta sobre a menstruação e não mais aceita tomar banho com os pais.

Até os cinco anos, usou fraldas durante a noite e, até hoje, não tem o total controle dos esfíncteres.

Segundo a sua mãe, Renata tem a auto-estima muito baixa, se acha feia e é tímida em alguns momentos. Numas situações, age como se fosse adulta, e em outras, como se fosse um bebê. Deseja tudo o que é da irmã gerando enormes conflitos. O relacionamento com a professora, os amigos, os irmãos e, com a mãe, é bastante tumultuado; do pai, recebe o apoio para que faça o que deseja. O pai não exerce a sua autoridade e não permite que a mãe exerça, gerando desencontros de orientações para Renata.

Não aceita perder, e culpa o outro pela derrota. Tem dificuldade de se concentrar por muito tempo numa mesma atividade. Não se veste como uma criança da sua idade, e sim, como adulto. Nunca gostou muito de brincar com bonecas, preferindo as brincadeiras de rua. Quebra os brinquedos com rapidez, mas não admite que sejam jogados fora.

A mãe disse que caso se separasse outra vez do marido, deixaria Renata com ele. O pai fica irritado com a idéia de ter que tomar conta da filha. A mãe acredita que, por isso, ainda não ocorreu outra separação e que o marido diz para ela: *"você quis que ela nascesse, agora tem de agüentá-la"*.

Renata soube do aborto da mãe e perguntou-lhe sobre o assunto.

Sua família é de classe média-baixa, os pais têm formação superior, a irmã é universitária do Curso de Engenharia e o irmão concluiu o Ensino Médio. Consideram a aprendizagem um importante meio para ascensão social, independente da área profissional que se escolha. Entretanto, as conquistas pessoais dos pais de Renata, no campo acadêmico, são razões para brigas e disputas entre eles. Um desvaloriza os conhecimentos do outro e, principalmente, o pai em relação à esposa. Esta, somente aos quarenta anos, conseguiu concluir um curso superior, e, ainda assim, humilhada pelo marido, por ser um curso para área docente, das primeiras séries do Ensino Fundamental, portanto, com poucas possibilidades de um bom retorno financeiro.

A mãe escolheu a atual escola para Renata, pela divulgação da proposta pedagógica, que se dizia construtivista. Hoje se sente insatisfeita e questiona a veracidade da proposta anunciada, discordando de vários pontos da prática. Disse que Renata foi para a escola aos três anos e meio e que se alfabetizou aos cinco anos. Nunca foi reprovada e, até agora, estudou em apenas duas escolas. Não tem hora de estudos em casa, mas é bastante inteligente.

### 3.1 – Hipóteses Iniciais

Por se tratar de uma criança com 8 anos, alfabetizada, já na 3ª Série, com uma queixa, predominantemente, centrada em problemas comportamentais e com uma história de vida marcada pelas dificuldades de relacionamento entre os pais e a forma como foi

concebida, inicialmente, levantou-se a possibilidade de que se tratava de um caso para psicoterapia e não psicopedagogia.

Entretanto, mesmo que de forma secundária, foram colocados alguns problemas de aprendizagem que mereceram uma avaliação para posterior encaminhamento.

#### 4 – Instrumentos

Optou-se, sem muita rigidez, por dividir algumas Sessões em momentos de Conversa Livre, Hora do Jogo e de Atividades de Testagens mais Formais.

##### 4.1 - A Conversa Livre

As sessões se iniciavam sempre com uma conversa livre, dada a importância dos intercâmbios comunicativos para o desenvolvimento da capacidade das pessoas se relacionarem, tornando-se mais tolerantes, compreensivas, percebendo os limites e possibilidades do outro, bem como as maneiras de satisfazê-lo emocionalmente.

Nesses momentos, num primeiro instante, era preciso provocar para que Renata falasse, mas, ao longo das Sessões, o vínculo foi sendo construído e a garota passou a tomar a iniciativa de se expressar, livremente. Falava sobre tudo um pouco e a psicopedagoga ouvia sem censuras. Desta forma, o vínculo Cliente-Psicopedagoga se fortalecia, aspecto primordial para o trabalho que se sucederia. Eram nesses instantes que, também, expunha-se sobre o que havia planejado para aquela Sessão e de como o tempo e o espaço seriam organizados, ou seja, até pela queixa apresentada, era proposto um enquadramento específico para cada momento da Sessão. Desta forma, já eram trabalhada a necessidade de alguns limites para a boa convivência com o outro.

Logo na 1ª Sessão, Renata falou de seus gostos destacando comer, assistir a televisão e brincar na rua com os patins, como sendo aqueles que lhe dão mais prazer. A irmã é a pessoa de quem mais gosta, pois sempre saem juntas para passear. O pai classifica de "ruim" e justifica dizendo: *"quando ele pede meus R\$ 10,00 emprestado, não paga. A minha mãe é mais legal porque quando pede sempre paga"*.

Sobre a escola disse: *"A professora é horrível. Ela apaga a tarefa enquanto estamos conversando e a gente fica sem fazer. Gosto mais do recreio, porque não tenho que escrever nada"*.

Na semana seguinte, Renata aguardava o horário de começar a 2ª Sessão, correndo pela área livre da Clínica. Quando foi avisada, pela psicopedagoga, que era hora de começarem o atendimento. A mãe interpelou, estendendo um papel, dizendo se tratar de um Relatório de Avaliação da escola. Antes que a psicopedagoga pegasse, pois Renata não havia autorizado a sua mãe, tomou o relatório, violentamente, das mãos da mãe. Convidada para entrar no consultório, ela se negou, sem que fosse na companhia da mãe. Não adiantava insistir. Dona Sônia entrou junto, e permaneceu até o final.

Perguntou-se a Renata o que acontecera para agir daquela maneira, uma vez que havia saído da 1ª Sessão, lamentando por ter acabado tão cedo. Enquanto respondia, com a própria saliva molhava as dobras do papel que estava em seu poder e, em seguida, começou a rasgá-lo, lentamente, momento em que falou: *"Foi aquela Lúcia (Orientadora Pedagógica da escola) velha que me mandou pra cá. Não me consultaram, não falaram que eu vinha para uma Psicóloga"*. Retomou-se pontos do enquadramento, situando que seria um trabalho Psicopedagógico, e não Psicológico, e que, como havia sido dito, desde o primeiro encontro, o encaminhamento tinha sido o resultado de conversas entre a sua mãe e os profissionais da escola onde estuda, inclusive a Orientadora, e que só seria possível um trabalho, se ela concordasse com o atendimento.

A psicopedagoga lembrou a Renata, da sua pasta individual e sugeriu que a usasse para guardar aquele papel, pois, talvez precisasse mais tarde e ali estaria bem guardado. Renata abriu o armário e pegou a pasta, colocou o Relatório sob a folha que lá já estava, como se quisesse escondê-lo. As hipóteses eram muitas sobre o que ocorrera: teria a

Orientadora da escola, utilizado o encaminhamento como um fator de ameaça, em represália a alguma atitude de Renata? Estaria a psicopedagoga, representando uma ameaça para ela, já que a sua mãe levava o Relatório? Estaria, inconscientemente, associando a psicopedagoga à diretora da escola, de quem tinha afirmado não gostar e que, coincidentemente, tem o mesmo nome da profissional?

Após ter desenhado, já mais calma, questionou-se se gostaria de falar sobre outras coisas. Eis que surgiu um fato que, dias depois, em Supervisão com a Professora Leda Barone, ajudou a compreensão sobre o que teria se passado. Ela disse que, naquele mesmo dia, só pôde entrar na escola na companhia da sua mãe, para que falasse com a equipe da escola sobre o seu comportamento em sala de aula, pois, no dia anterior, havia se recusado a escrever a rotina da sala e quando chamada à atenção, pela professora, jogou a agenda no chão. Ora, percebe-se que Renata transferiu a situação da escola para a clínica: se na escola só pôde entrar com a mãe, no consultório deveria ser da mesma forma, já que foi encaminhada pela escola, provavelmente, para ela, seria a clínica uma extensão da escola.

Na 3ª Sessão, entrou sozinha, destacando o desejo de melhorar a letra ao escrever de lápis grafite. Disse, também, que a sua irmã tem um apelido dado por ela.

Na 4ª Sessão, falou da peça de teatro que assistiu, na escola, sobre o trânsito, expressou ter gostado e aprendido ao mesmo tempo.

Na 5ª Sessão o vínculo parecia estar bastante fortalecido e Renata chegou falando, já não precisava ser provocados os momentos de conversa. Expressava toda a sua indignação e capacidade de análise crítica em relação à forma de avaliação da escola, além da sua fragilidade de lidar com a frustração: *“\_ Amanhã vai ter um passeio da escola para a ETFRN. Lá, vai acontecer uma exposição sobre o trânsito, mas vai ser chato. Eu não vou apresentar nada. A professora e a diretora só escolhem os trabalhos dos outros. A minha maquete vai tá lá, mas vão é roubar. Quem vai apresentar é Antônia e fez só um cartaz com letras pequenas e grandes, tudo misturado”*.

Falou de temas dos mais variados, inclusive, que gostou de ter ido, dias atrás, ao parque com a sua irmã, enquanto os seus pais faziam compras em um supermercado, mas que estava chateada, porque a irmã havia prometido levá-la outra vez e não tinha cumprido no dia combinado.

Na 6ª Sessão, disse que nada a tinha deixado triste nos últimos dias e que tinha ficado feliz por ter comprado, na lojinha próximo a sua casa, uma pulseira, ganhado uma corrente da irmã, um colar da tia e acrescentou que, apesar disto, a irmã ficou com mais objetos em relação a ela, pois pegou quatro peças para si.

Sobre o passeio para a ETFRN, disse não ter gostado, pois só teria servido para ela gastar R\$ 1,50, quantia que poderia ter comprado coisas para ela, que era um *“roubo”* a escola cobrar dos alunos, pois tinham passado rápido, só olhando as maquetes. Falou: *“Ontem tive aula de piscina, enganamos a professora e passamos mais tempo do que deveríamos. Foi muito legal”*.

A psicopedagoga comunicou que iria visitar a escola dela e conversar com a Professora, antes, porém, perguntou se teria alguma coisa que ela não gostaria que fosse falado, ao chegar na escola. Respondeu que não se incomodava com nada, que poderia falar sobre tudo e até perguntou que horário seria a visita, pois a professora só estaria pela manhã.

Na 7ª Sessão Renata disse que a professora havia falado da visita da psicopedagoga à escola e, em seguida, a profissional que aproximava-se o momento de acabar a primeira parte do trabalho, ou seja, o diagnóstico e que era quase certo de que outro profissional iria dar continuidade. Renata teve a seguinte reação: *“Gosto de você, dos outros não”*. Adiou-se a conversa para depois das férias, pois, naquele instante, talvez tenha mexido com o narcisismo da profissional. O fato é que sentiu-se bastante lisonjeada e, na verdade, não sabia responder outra coisa, preferindo esperar o que aconteceria depois de uns dias de férias, apesar da 8ª Sessão se realizar antes da interrupção do atendimento.

Na 8ª Sessão, Renata disse não gostar de fazer as tarefas escolares, por achar sempre difíceis e não saber fazê-las. Pegou a pasta individual para guardar alguns desenhos e retirou o Relatório que havia rasgado e depois guardado, durante a 2ª Sessão. Parou e leu por alguns minutos e, em seguida, perguntou: “\_ O que é insatisfatório? Eu nem sei o que é”. A psicopedagoga convidou-a para, juntas, analisarem a palavra, começando pelo significado das suas partes, ou seja, *satisfatório*, depois *in* e a junção dos significados. A atitude de Renata mostrava uma mobilização e a pergunta sugeria uma indignação, frente a uma avaliação que, para ela, não dizia nada mas, ao mesmo tempo, certamente, evidenciara apenas os aspectos negativos do seu desenvolvimento. Naquele momento do atendimento, já era possível ela enfrentar um texto com as características do Relatório de Avaliação da escola, assim como dividi-lo com a profissional que lhe acompanhava, o que fez sem problema algum. Vejamos a íntegra do Relatório, inclusive, com alguns descuidos das normas da língua:

*“Relatório Individual Natal, 26 de abril de 1999”.*

*O seu comportamento é insatisfatório, não interage bem com os colegas e com todos da escola. Em algumas vezes tem faltado com respeito com os colegas e com a professora. Não tem cumprido com suas responsabilidades de aluna, a professora tem questionado as suas atitudes, mas a aluna não tem dado atenção.*

*Em relação aos conteúdos, a aluna apresenta dificuldades na sua caligrafia e na sua ortografia, troca o Ç pelo S. A sua organização de conteúdos não está boa.*

*Em matemática, a aluna tem demonstrado algumas dificuldades para resolver as operações de multiplicação e divisão. Em sala de aula estão sendo elaboradas atividades para solucionar estas dificuldades.*

*A aluna não tem se saído bem na resolução de questões subjetivas, pois tem dificuldade para se expressar.*

*Diante dos relatos acima a aluna, é uma aluna com problemas, pois não cumpri com suas atividades e tem faltado com respeito com todos. Não está fazendo as atividades, tanto as de casa como na sala de aula. A aluna não dá oportunidade para que possamos ajudá-la.”.*

O Relatório não foi assinado e, pela forma como se refere à professora, logo no primeiro parágrafo, sugere ter sido uma avaliação escrita por uma outra pessoa, e não por ela própria.

Nessa mesma Sessão, falou que estava triste por ter brigado com a sua melhor amiga (como será explicitado, mais adiante, na aplicação do HTP, ao desenhar a casa, disse que se tratava da casa dessa amiga) e que não acreditava que a amiga fosse desculpá-la. A conversa sobre o caso foi bastante longa e, por fim, ela resolveu que lhe escreveria um bilhete com o pedido de desculpas.

A 9ª Sessão foi a de devolutiva e apresenta-se detalhada na Conclusão deste trabalho.

#### **4.2 - Hora do Jogo**

Utilizou-se a Hora do Jogo como caminho para uma análise, a partir do brincar de maneira espontânea. Desta forma, percebeu-se o que mais chamava a atenção de Renata, o que lhe despertava curiosidade e aquilo que ignorava.

Sobre a mesa estavam disponíveis diversos tipos de lápis e de cores variadas, apontador, borracha, tesoura, clipes, cola, tintas, massa plástica e folhas de papel, também, em várias cores. Na estante, ficavam os diversos tipos de livros e jogos formais, no cesto, num dos cantos da sala, blocos lógicos, bonecos miniaturas e fantoches e, numa das paredes, uma lousa.

No decorrer do jogo espontâneo, exceto o uso da lousa, Renata jamais fez opção por atividades que a remetessem ao ambiente escolar, optando sempre por jogos formais

(Pega-Varetas, Cara Maluca e etc.) ou, recorrendo ao cesto, neste, manuseava o material de maneira muito rápida, concentrando-se em fazer castelos com blocos, ou criar histórias manipulando fantoches.

Na 1ª Sessão fazia castelos e quando acabou o tempo, exclamou: “\_ Logo agora que eu estava construindo um castelo!...” Entretanto, na Sessão seguinte, ela não deu continuidade ao trabalho com os blocos.

Durante a Hora do Jogo demonstrou muito interesse pelos fantoches, momentos em que solicitava que a psicopedagoga ouvisse as histórias que criava, que, na última ocasião, pediu para que ela registrasse, originando o seguinte texto:

*Era uma vez um gato que se chamava Peludo. Um dia a sua dona chamou: \_ Peludo, Peludo, entre. Ele estava dormindo e a sua dona achava que ele estava morto.*

*Chamou o esposo que se chamava José e ele falou que Peludo estava dormindo.*

*\_ É José, ele estava dormindo mesmo. Disse a dona de Peludo.*

*Um dia, na fazenda, apareceu um cachorro que queria pegar o gato. A menina disse: - Você vai ser meu.*

*A avó da menina perguntou: \_ E esse cachorro? \_ Achei na rua. Disse a menina.*

*A avó não queria aceitar, mas, de tanto a menina pedir, aceitou por uns dias.*

*A menina colocou comida e o cachorro não gostou. Gostava sim, de passear com ela todos os dias. Assim eles viviam felizes.*

O jogar com o Cara Maluca (jogo que possibilita manusear partes de um rosto humano e oferece um leque de acessórios, dando margem a várias combinações) a concentrou durante um bom tempo, fazendo combinações das mais diferentes possíveis. Com o Pega-Varetas, expressou dificuldades ao somar os pontos, ao operar, mentalmente, sempre precisou recorrer à contagem direta das varetas.

Por existir queixa, tanto da escola, quanto da mãe e da própria Renata, em relação a sua caligrafia não ser “boa”, como também pelo fato de misturar letras maiúsculas e minúsculas, numa sessão, após ela produzir o seguinte Texto Livre, com caligrafia bastante desorganizada e com o uso das letras de forma desordenada, a psicopedagoga propôs brincarem com o Jogo das Letras:

a minha vida é  
pela porque a quadra de lá tem  
coloridas a mesma também  
os jogos de lá são  
a Lenonete tem de coxa postal  
etc... a professora é muito  
chata os matérias é porra  
só matemática que é coisa  
de tanto mais os colegas  
na escola eu gosto deles  
a professora é chata  
Porque não deu não ficar  
enfer e eu fui conselheira  
de quem sentada na  
minha escola gosto só  
ponto saber de educação  
justa.

10/06/99

Para o Jogo das Letras, a psicopedagoga mostrou-lhe uma folha com o alfabeto maiúsculo e minúsculo em letras cursivas e uma outra folha igual, só que em letras de imprensa. Após discutirem sobre as situações em que, convencionalmente, se usa cada tipo de letra, Renata recebeu uma folha com algumas pautas, sendo orientada que escrevesse o alfabeto minúsculo cursivo, priorizado por ser o mais usual, e em seguida a psicopedagoga fez o mesmo. O próximo passo foi o confronto das escritas, letra por letra, quando cada uma escolhia, comparando o abecedário de ambas, a caligrafia que mais gostaram. Por exemplo: Renata dizia: a letra **a**, que mais gostei foi a sua e vice-versa, até analisarem todas as letras. A psicopedagoga escolheu a cor verde para identificar as suas escolhas e Renata a cor mostarda. Eis algumas das falas de Renata, no decorrer do jogo:

*"Escolho o seu 'm' porque coloquei errado. Fiz maiúsculo".*

*"Eu vou colocar no meu para você não ganhar".*

*"O meu 'u' ficou feio demais. No próximo, vou fazer a letra bem bonitinha e vou ganhar".*

*"Os dois 'v' são iguais e vou votar nos dois".*

Eis o registro do Jogo das Letras, acompanhado do resultado:

17/06/99

LETRAS DE RENATA

Renata escolheu das duas 10 pontos, ou seja 10 letras.  
Cláudia escolheu das letras de Renata 13 pontos, ou seja 13 letras.  
Total 23 pontos

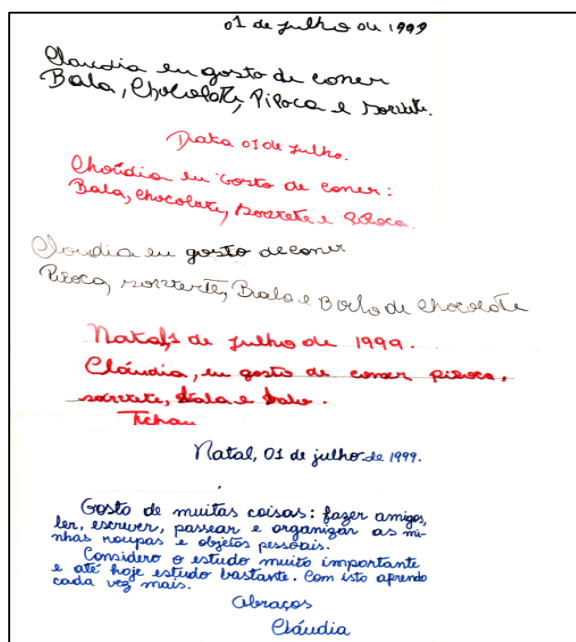
LETRAS DE CLÁUDIA

Renata escolheu das letras de Cláudia 15 pontos, ou seja 15 letras.  
Cláudia escolheu das duas letras 12 pontos, ou seja 12 letras.  
Total 27 pontos

Resultado: Cláudia foi a vencedora, pois teve mais pontos.

Renata foi desafiada a escrever um bilhete para a psicopedagoga, usando as letras que ela escolheu e, também receberia um bilhete, fruto da mesma regra. Com bastante entusiasmo, ela começou a escrever e, por si só, fez três reescrituras, buscando uma melhor organização e legibilidade da caligrafia. Para última reescrita, sugeriu-se que fizesse pauta na folha, o que ela acatou e, para isto, utilizou régua. Equivocou-se na escrita da palavra "tchau" e, para não ficar com rasuras, fez a colagem de um pedaço de papel branco e

escreveu-a corretamente. Segue a escrita do bilhete e a seqüência das reescritas, bem como o que ela recebeu:



Escrever ou desenhar na lousa era uma das atividades livres que mais atraía Renata, aliás, a sua mãe havia informado que, “brincar de escola” em casa, é uma das brincadeiras que mais gosta e, na última vez que usou a lousa, ela sugeriu que a psicopedagoga escrevesse também, que questionou sobre o que ela gostaria de vê-la escrevendo. Ela propôs ditar frases a serem escritas e depois, ela transcreveria. As frases foram as seguintes: 1ª) “A menina não ia para o recreio.” 2ª) “Papai ficou zangado porque a comida estava ruim.” 3ª) “A mamãe ficou chateada porque não foi para o passeio com a filha e o marido. Ela não foi, porque não estava em casa na hora da saída.”

Ao transcrever, teve a preocupação de apagar, alinhar a escrita, fazer as letras sempre na mesma proporção e aperfeiçoar o que fizera. Um dado que chamou bastante atenção foi o fato de ter ditado, justamente, três frases que, com elas, completou histórias quando foi aplicado os “Contos de Madelene Thomas”, durante a 3ª Sessão, inclusive, a Segunda frase completou o Conto 3 que, naquela ocasião, havia dito não saber responder.

#### 4.3 – Atividades de Testagens mais Formais

Durante as Sessões, algumas atividades foram direcionadas para que pudessem, com maior consistência, subsidiar no diagnóstico. Para facilitar a leitura, optou-se, aqui, pelo scaneamento das produções que tiveram registro.

Renata falou do seu gosto pelo ato de desenhar, apesar de ter dito que não sabe desenhar muito bem, entretanto, o interesse da mesma foi aproveitado, tanto para encorajá-la, quanto para, através das suas representações gráficas, associadas aos comentários, as histórias e, ainda, aos dados da anamnese e a aplicação do “Método de Histórias para Completar”, oferecer subsídios para uma análise do papel que ocupa no mundo, enquanto ser, as suas relações na família, na escola, os seus conflitos, desejos, sonhos, rejeições, tristezas, alegrias, dúvidas, medos, satisfações, regressões, transgressões, dentre outros significados, inclusive da área cognitiva.

Como pode-se ver, nas diversas oportunidades, Renata expressou-se, demonstrando disputa pelo lugar da sua irmã, os reflexos no seu comportamento por

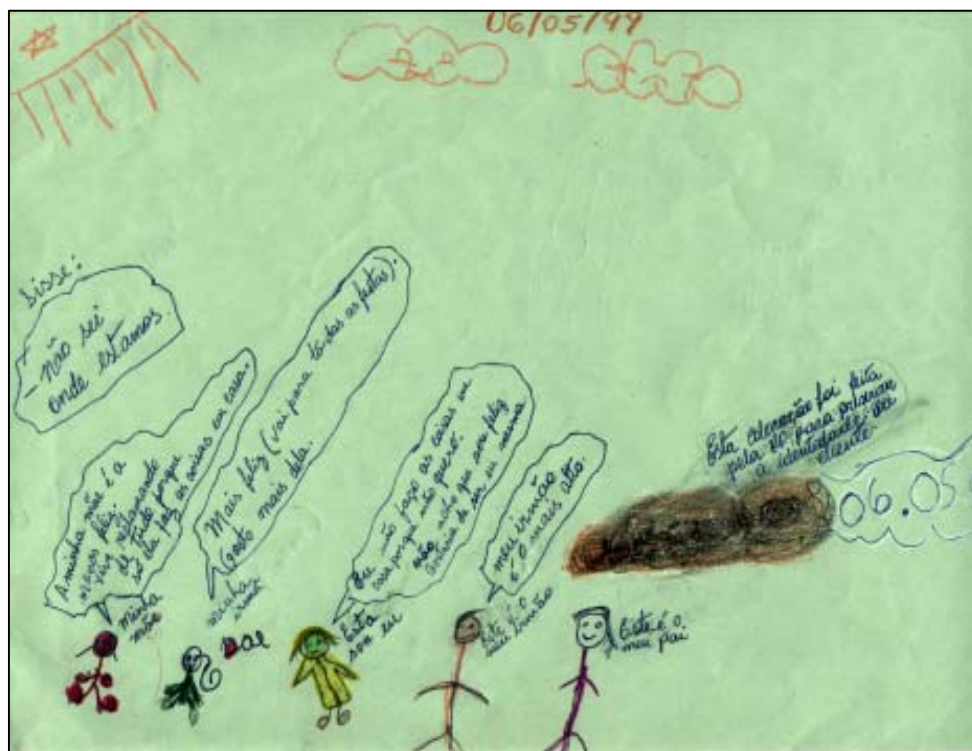
conviver num ambiente de insultos entre os seus membros, por ser a única criança desta família e com interesses bem diferenciados dos demais. Explicita, também, a necessidade de ser agressiva e de, com isso, chamar a atenção de todos, inclusive, do seu pai que, além de a ter rejeitado, ainda no útero da sua mãe, até hoje não exerce o papel de autoridade na família.

O **desenho da figura humana** foi solicitado após ser questionada se poderia desenhar algo que lhe fosse pedido e, ao sinal positivo, pediu-se que desenhasse a figura de um humano. Renata produziu, livremente, três desenhos e seguiu a ordem enumerada, ao lado de cada um. Vejamos:



Foi observado o fato do traçado dos desenhos se iniciaram sempre pela cabeça. Solicitada, falou um pouco sobre cada um (registros, ao lado de cada desenho, a medida em que ela foi falando, bem como o número de ordem em que desenhou) e a justificativa dada para fazer mais de uma figura foi a de que, a primeira, havia ficado torta, pois o Saci achava mais fácil de desenhar e, o Satanás, porque teve vontade.

A psicopedagoga questionou-se se ela poderia **desenhar a família** (a dela) e, em seguida, falar (registros ao lado dos desenhos, a medida em que foi falando) um pouquinho sobre a mesma, para que pudesse conhecê-la. Renata disse que sim e escolheu um papel verde e os lápis que usaria. Produziu o seguinte desenho:



Representou todos os membros da sua família: iniciou pela mãe, seguida da irmã, dela própria, do irmão e do pai. Para representar a mãe e a irmã, fez figuras bem semelhantes, a exemplo do que fez para representar o pai e o irmão. Colocou-se, no desenho, com a representação mais diferenciada e com uma estatura maior do que a da mãe e a da irmã. Na altura da folha, representou o sol e as nuvens, estas com expressões de tristeza e até com lágrimas, mas, ao comentar sobre o desenho, disse não saber em que ambiente estava a família naquele desenho.

Orientou-se que fizesse o **desenho do par educativo**, sem especificar que fosse uma situação que envolvesse ela própria, e sim, uma situação em que alguém ensinasse e alguém aprendesse. Renata disse ter desenhado ela e a professora e, naturalmente, ao lado da figura do aprendente, escreveu um comentário. Segue o desenho:



Ao ser aplicado o **HTP** (desenho da figura humana, da árvore e da casa), para ser analisado como receberia ações “encomendadas”, do que falaria sobre cada desenho e se a figura humana teria relação com a primeira que fez. A psicopedagoga perguntou-lhe se poderia fazer uma seqüência de desenhos, de acordo com o que lhe fosse orientado. Produziu os desenhos que se seguem:

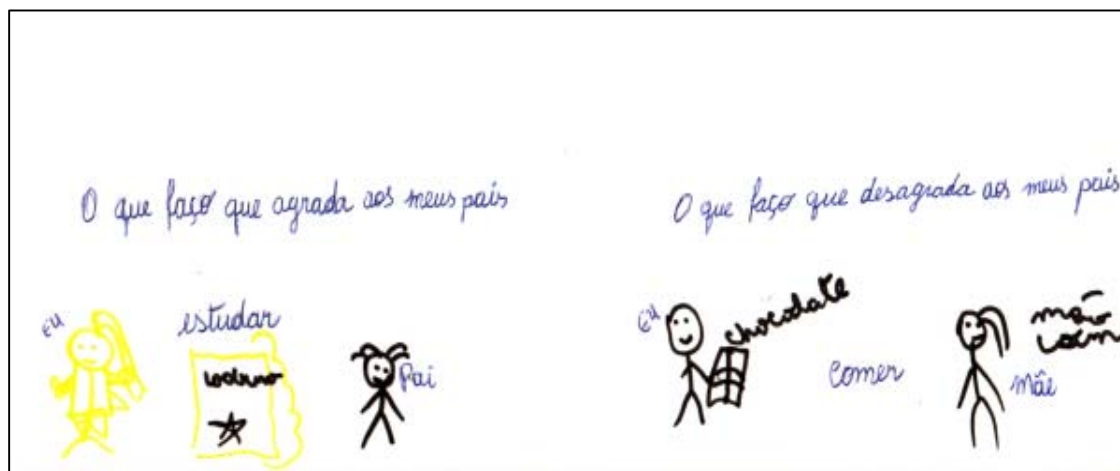


Para a figura humana, desenhou uma garota, começando pela cabeça e usando apenas lápis grafite, um tanto quanto parecida com a da primeira figura humana, que havia desenhado e disse não saber se aquela figura existia de verdade, mas que era uma garota que gostava de dormir e de comer. Na primeira ocasião em que desenhou a figura humana, disse que era sua melhor amiga, já desta vez, falou que se tratava da sua irmã e disse: *“tirei essas coisas dela. Ela é quem gosta de comer e dormir e eu pego os ursinhos de pelúcia dela. Os ursos dela são meus”*.

Iniciou o desenho da árvore pelo caule e, ao contrário da figura humana, usou lápis de cor para diferenciar as partes da árvore, embora não tenha feito um desenho com muitos detalhes. Disse que se tratava de uma goiabeira e, imediatamente, mudou de opinião: *“não, é uma mangueira, pois adoro manga”*.

Ao desenhar a casa fez primeiro o teto, e utilizou um único lápis de cor. Disse que se tratava da casa da sua vizinha, onde mora Mônica a sua melhor colega, e expressou mais uma vez a sua insegurança em relação aos sentimentos nutridos pela colega em relação a ela, quando falou: *“Mônica ficou intrigada comigo. Diz que eu sou invejosa”*.

O **desenho sobre o que faz e agrada e o que faz e desagradar aos seus pais**, foi o último que fez, durante o diagnóstico; surgiu a partir de uma conversa onde dizia que os seus pais não gostavam quando ela comia muito. A Renata foi proposto que pensasse um pouco, também, sobre o que faz que os seus pais ficam satisfeitos e que poderia, inclusive, se quisesse, representar através de desenhos. Representou as duas situações seguintes:



Como se pode ver, Renata se auto representou de maneiras diferentes em cada situação e, para aquilo que agrada aos seus pais (estudar), desenhou a sua expressão facial sugerindo insatisfação e colocou o seu pai representando os pais (pai e mãe). Já para aquilo que desagrada (comer), a mãe representou os pais e ela se coloca com uma expressão de satisfação.

Objetivando contribuir na exploração do mundo interior de Renata e os seus possíveis conflitos, aplicou-se o **“Método de Histórias para Completar”** que foi idealizado pela psicóloga suíça Madaleine Thomas (DIAS, 1998, pp. 35-44). Constitui-se de 15 pequenas histórias (destas, 13 foram aplicadas, as outras duas, não foram consideradas necessárias para o caso), contadas até um certo momento e, em seguida, a criança é convidada a dar continuidade. São abordados conteúdos de escola e família, ao nível consciente, enquanto que, para o inconsciente são os que apelam à expressão simbólica como, os sonhos, desejos, lembranças, fantasias e histórias preferidas. A seguir, a transcrição dos contos e os textos elaborados e ditos, oralmente, por Renata:

CONTO 1: “Uma menina está na escola. Na hora do recreio ela não quer brincar com as outras crianças. Prefere ficar só. Por que?”

RESPOSTA: Porque ela é besta. Não aproveita o recreio. Não gosta das outras crianças.

CONTO 2: “Uma menina briga com o irmão. A mãe chega. O que acontece?”

RESPOSTA: “Mandou ela parar. Pergunta quem começou a briga e ela responde que foi o irmão dela e realmente foi”.

CONTO 3: “Uma menina está sentada à mesa com seus pais. O pai fica zangado. Por que?”

RESPOSTA: “Não sei”.

CONTO 4: “Um dia mamãe e papai estão brigando entre si. Eles discutem um com o outro. Por que?”

RESPOSTA: “Porque não se davam bem. Não se amavam”.

CONTO 5: “Às vezes, a menina gosta de contar coisas engraçadas. A quem ela prefere contar: aos amigos, ao pai ou à mãe?”

RESPOSTA: “À irmã”.

CONTO 6: “Uma menina teve más notas na escola. Quando volta para casa; a) A quem mostra o boletim? b) Quem briga mais?”

RESPOSTA: “Mostra à mãe e ninguém briga com ela”.

CONTO 7: “Uma menina foi passear com o pai e a mãe no Domingo. Quando voltam do passeio, a mãe está triste. Por que?”

RESPOSTA: “Porque deve não ter gostado do passeio”.

CONTO 8: "Uma menina tem uma amiguinha de quem gosta muito. Um dia a amiga lhe disse:

- a) Venha cá porque eu vou mostrar algo, mas é segredo. Não diga nada a ninguém. Que mostrou a amiga à menina?
- b) Depois, a amiguinha diz: Escute vou lhe dizer um segredo, não conte a ninguém. Que disse a amiga à menina?"

RESPOSTA: "Não mostrou nada e a amiguinha também não falou nada".

CONTO 9: "É de noite. A menina está na cama; o dia terminou e as luzes estão apagadas.

- a) Que faz a menina se não tem sono? b) Em que pensa? c) Uma noite a menina chora. Ela está triste. Por que?"

RESPOSTA: "Ela fica contando carneirinho e pensando se ela devia ir para o recreio, ou não. Ela fica triste porque os pais ficam sempre brigando".

CONTO 10: "Depois a menina dorme. Com o que ela sonha?"

RESPOSTA: "Como é o recreio. Porque ela nunca vai ao recreio da sua escola".

CONTO 11: "A menina acorda no meio da noite. Ela ficou com muito medo. De que?"

RESPOSTA: "de fantasmas".

CONTO 12: "A menina torna a dormir e, dessa vez, ela tem um lindo sonho. Uma fada boa se aproxima dela e lhe diz: "Posso fazer qualquer coisa por você. Diga o que quer e eu tocarei em você com minha varinha e tudo que pedir acontecerá". O que é que a menina pede?"

RESPOSTA: "Para ser a menina mais rica do mundo. Ser a filha do Sílvio Santos (proprietário da rede de televisão SBT) e poder ter tudo o que ela quer. Fazer as viagens que ela sempre quis, para Disney".

CONTO 13: "Uma menina está crescendo. O que é que ela prefere: a) ficar logo grande ou ficar pequena mais algum tempo? Por que? b) O que é que ele vai ser quando crescer?"

RESPOSTA: "Prefere ficar logo grande, porque gente grande pode fazer tudo o que quer: ir para o shopping, praia, cinema, teatro... Quando crescer ela vai ser médica".

Os Contos de Thomas foram estudados por Perez-Ramos (in: DIAS, 1998, p.40), que conseguiu situar problemas a partir de dimensões ligadas aos distúrbios de comportamento e ao ambiente no lar e, desta forma oferece, por blocos de respostas apresentadas pela criança, referenciais para interpretação do conjunto dos Contos.

As respostas de Renata em complementação aos Contos, analisadas com base na organização interpretativa de Thomas-Ramos, sugere que a mesma convive com situações de autopunição e têm problemas de comportamento, que a sua mãe é justa e vivencia problemas sérios com o marido. Apesar da sua mãe ser tolerante, ela não se relaciona bem, nem com ela e nem com o pai. O foco das suas preocupações está centrado, horas em questões positivas, horas em negativas, confirmando os seus conflitos pessoais explicitados durante a anamnese e evidenciados em outros instrumentos. Os sonhos são carregados de conteúdos subjetivos e pelo desejo de possuir muitos bens materiais. Apresenta tendência progressiva.

As queixas explicitadas no Relatório da escola conduziram para que, com mais cuidado, olhasse a leitura, a escrita e as operações matemáticas. No que diz respeito à escrita pode-se observar, através das escritas na lousa e do texto livre já apresentado neste Relatório. Quanto à leitura, em virtude dos momentos livres terem sido sempre silenciosos, foi feita a proposta dela ler algo em voz alta, o que acatou sem problemas. Escolheu, dentre uma variedade de portadores de textos, a história de Chapeuzinho Vermelho, para ler em voz alta.

Com o objetivo de avaliar o nível de estrutura do desenvolvimento cognitivo de Renata e as aprendizagens nas operações de adição, subtração, multiplicação e divisão, aplicaram-se o conjunto de Provas do Diagnóstico Operatório, fundamentadas nos estudos de Jean Piaget, bem como foi apresentado o Quadro Valor de Lugar e várias fichas com

numerais de 0 a 9. Inicialmente, pediu-se para representar alguns numerais no quadro e, em seguida, apresentando pequenos problemas do cotidiano, envolvendo, de cada vez, uma das operações (adição, subtração, multiplicação e divisão). Renata ia armando a operação matemática e solucionando a situação-problema.

## 5 - Análise das áreas

### 5.1 - Pedagógica

**Leitura:** Demonstrou um especial interesse pela leitura de contos (Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, Rei Leão e outros), sendo os escolhidos coerentes para a sua idade. De forma prazerosa, leu os textos por inteiro durante algumas Sessões. Apresentando uma certa fluência, boa entonação e carga dramática ao impostar a voz. É capaz de recontar, com compreensão, o texto lido, embora tenha dificuldades de sintetizá-lo em poucas palavras.

Ao ler, foram observados alguns problemas na pontuação (vírgula e ponto final), assim como na omissão de palavras, letras e de deslocamentos de sílabas e/ou letras. Exemplos: assunto leu *astuto*; acabara, leu *acabava*; abraçaram-se, leu *abraçaram e*, além de leitura silabada de algumas palavras, principalmente envolvendo *s*, *ss*, *ç* e *sc*.

**Escrita:** Em vários momentos disse gostar, na escola, das ocasiões em que não é necessário escrever. Nos textos que produziu, expressou um pouco dos seus conflitos pessoais, relacionados com a família e a escola. Os textos têm seqüência lógica, começo, meio e fim e casualidade entre os fatos. Entretanto, a caligrafia, um tanto quanto ilegível, empresta ao texto uma aparência desorganizada e fora das normas convencionais.

Para a série que estuda, Renata revela fraturas no que diz respeito à estrutura espaço-temporal, pois, junta palavras comuns ao vocabulário de uma criança no seu nível de escolaridade. As dificuldades de pontuação apresentadas na leitura se repetiram com mais intensidade na escrita, com ausência total de parágrafos e vírgulas, além da ausência de alguns pontos finais.

Inicia frases com letras minúsculas e coloca maiúsculas em situações indevidas; omite letras e acentos gráficos; a falta de concordância verbal, também merece observação. Troca letras, como: *m* por *n*, *sc* por *s*, *c* por *s*, *ch* por *ç*, *nha* por *a*, *ss* por *s*, *ç* por *s*, *ç* por *c* e *l* por *o* (este, no final de palavras).

**Matemática:** O conceito de número já foi construído e a estrutura de pensamento está no nível Operatório Concreto, compatível com a idade e a escolaridade. Respondeu com lógica, clareza e objetividade as questões colocadas durante as conversas, demonstrando poder de argumentação.

Apresentou enormes dificuldades em fazer cálculos mentais, independente de ser para juntar, retirar, dividir ou multiplicar.

Os cálculos escritos realizou com mais facilidade, inclusive, somas e subtrações, com reservas. Na multiplicação, cometeu alguns equívocos mas, imediatamente, autocorrigiu-se e, na divisão, apresentou dificuldades de realização do cálculo, principalmente, utilizando o processo escrito convencional.

### 5.2 - Cognitiva

A estrutura cognoscitiva de Renata, como foi dito, anteriormente, segundo os estudos de Piaget, encontra-se no nível Operatório Concreto, tendo ela condutas conservativas com relação à conservação de quantidade de líquidos, de matéria e de comprimento. Já na conservação do peso, oscilou entre condutas conservativas e não-conservativas e na conservação de volume (esperada para os 11/12 anos), a sua conduta foi totalmente não-conservativa. A quantificação de inclusão de classes é inclusiva e deu respostas corretas nas provas de interseção de classes.

A queixa formulada, articulada com os dados da história de vida coletados na anamnese, as suas posições frente às orientações metodológicas/curriculares da escola, as respostas aos instrumentos aplicados durante as Sessões e a estrutura cognitiva de Renata, apontam para a possibilidade de uma Modalidade de Aprendizagem hiperassimilativa/hipoacomodativa.

### **5.3 - Corporal**

Na anamnese, não surgiram dados merecedores de destaque, de investigação ou de observações. Psicomotricidade normal.

### **5.4- Afetiva – Social**

Renata é uma garota que tem atitudes progressivas, ao fazer amizades, sempre com crianças de uma faixa etária maior do que a sua e ao desejar tudo que pertence ou o que faz a irmã de 21 anos; e regressivas, quando fala com timbre de voz de bebê.

É insegura e demonstra, por exemplo, ao acordar no meio da noite buscando a companhia dos pais ou da irmã.

A auto-estima é negativa, antes de fazer algo sempre diz “não sei”. Apesar de se achar infeliz, gostaria de ser ela própria. Diz ser a irmã a pessoa de quem mais gosta e a mais feliz da família e talvez, resida aí uma disputa pelo lugar desta irmã, uma vez que, freqüentemente, destrói seus pertences.

Apresenta reações de autopunição e admite ter problemas de comportamento; acha que a mãe é a pessoa menos feliz da família.

Com o irmão, tem pouco contato, uma vez que ele não mora na mesma casa.

Sente a ausência de referência de autoridade na família, uma vez que o pai não a assume por completo e nem exerce a sua autoridade de pai, inibindo o exercício desta, por parte da mãe. Aliás, sobre o pai, Renata fala muito pouco, se refere sempre ao fato do mesmo comprar o que ela pede.

Dormindo, sonha com fantasmas e, acordada, com a aquisição de bens materiais/consumo. Até hoje, não tem o controle dos esfíncteres.

Faz tudo ao contrário do que os pais orientam e, sendo assim, come muito e estuda pouco, e diz ser isto o que mais desagrada aos pais, mas que, quando se esforça e estuda um pouco mais, diz que sabe que é o que faz, que os deixa mais felizes.

Tem poucos amigos e, com estes, se relaciona mal; antipatia pela professora e insatisfação com a estrutura da escola. As atividades mais livres e dinâmicas, para ela, são as mais atraentes (Ed. Física, teatro, brincadeiras e etc.).

### **5.5 – Considerações críticas sobre a avaliação**

A dinâmica familiar conturbada parece contribuir para muitos dos conflitos emocionais vividos por Renata. O fato do pai não exercer o seu papel de autoridade e não permitir que a mãe o faça, tem gerado uma falta de referência de autoridade para a mesma, que passo a passo, constrói a sua personalidade. Acredita-se que esta nulidade possa justificar as resistências de Renata em aceitar as normas e regras, inclusive, relacionadas com os conteúdos curriculares de Língua Portuguesa (ortografia e gramática) e Matemática (cálculos escritos, seguindo processos convencionais), além das dificuldades de relacionamento com a figura do ensinante.

Quanto às relações, na família, parece ter um forte apelo à compensação de afeto e atenção por bens materiais, o que no fundo pode provocar, em Renata, uma sensação de menos valia. O ambiente familiar de trocas de insultos e muita agressividade exercem forte influência no desenvolvimento da sua personalidade, fazendo com que, sem limites, repita o comportamento dos irmãos, e principalmente, dos pais.

A vivência, desde cedo, de situações como perdas, dúvidas e ameaças, tirou de Renata a possibilidade de elaborá-los na dimensão simbólica.

Reage a algumas situações, destruindo o objeto que representa o seu momento de fragilidade e/ou dificuldades de lidar com o fracasso (a agenda escolar com uma reclamação escrita para a mãe, o relatório de avaliação escrito pela escola, o objeto da sua irmã que não pôde tê-lo e etc.).

Apresenta tendências progressivas, disputando com a irmã o lugar da filha mais velha que, certamente, ao contrário dela, foi desejada pelos pais e que, para ela está mais próxima da mãe.

Apesar do seu nível intelectual ser normal, Renata parece precisar escrever de forma quase ilegível e não ser uma "aluna aplicada" afetuosa e tolerante, pois desta forma ela consegue manter o casamento dos pais, pois como foi dito, anteriormente tanto o pai quanto a mãe em caso de separação, não aceitam a guarda da mesma. O seu comportamento carregado pela agressão é uma forma de chamar para si a atenção dos pais, da professora, da equipe de orientação da Escola e da irmã. Assim, em algumas ocasiões, assume uma postura de omissão e passividade (não estudar satisfatoriamente) e em outras, para satisfação pessoal, contrariando os desejos dos pais, é bastante dinâmica (come e brinca com um certo exagero).

O conhecimento para Renata parece ser, também, uma ameaça, pois é razão de disputas entre os seus pais. O pai desvaloriza os conhecimentos da mãe, esta se defende devolvendo-lhe a mesma agressão.

Reclama da falta de ventilação da sala de aula onde estuda, informação que procede. Este fato foi constatado durante a visita feita à escola. O calor pode, certamente, gerar inquietação e conseqüente indisciplina entre Renata e os demais alunos.

Aparentemente, parece existir uma diferença teórico-metodológica entre a proposta pedagógica falada e a praticada na escola que estuda. Ao contrário do que praticou durante as Sessões, o refazer das atividades escolares, tanto em casa quanto na escola, parece ser conduzido de forma pouco construtiva e sem muita clareza da razão de ser e por isso, tem gerado rejeição em refazê-las, por parte de Renata.

A participação dos alunos é mínima nas decisões da vida da sala de aula, práticas estas que, para alguém habituada a "fazer as suas próprias leis", resulta em conflitos, insatisfações e indisciplina.

## II Parte – DISCUSSÃO DO DIAGNÓSTICO

*"Renata está tirando o meu juízo, incomoda a todos com a sua agressividade, falta de limites e de respeito. É assim, em casa, na escola e em qualquer lugar".*

*"É possível que ela já saiba que não foi uma filha desejada como os outros e que o pai a rejeitou, pois quando brigo com o pai dela é pra valer e sai tudo, falamos o que vem a cabeça naquele momento e, desde pequena, quando ela não presencia, ouve".*

(Mãe de Renata)

*"Você quis que ela nascesse, agora tem de agüentá-la".*

(O Pai diz para Mãe de Renata)

*"... é uma aluna com problemas, pois não cumpre com as atividades e tem faltado com respeito com todos".*

(Recorte do Relatório de Avaliação da escola)

*“A professora é horrível... é muito chata as matérias é péssima, só matemática que é fácil. Não acho que sou feliz, mas gostaria de ser eu mesma. Gostaria de melhorar a minha letra feita de lápis grafite”.* (Renata)

Optei por iniciar esta parte do Relatório destacando os textos em epígrafe, por considerá-los sintetizadores das queixas que desencadearam o processo de diagnóstico psicopedagógico de Renata, ou seja, por ter analisado outras questões ao longo do trabalho, a medida em que fui colocando as informações. Priorizarei discutir, neste capítulo, a partir dos estudos sobre a agressão, relacionando-os com ***As influências da dinâmica familiar na relação aprendente – ensinante***, pois, o caso apresentado, evidencia como característica marcante o fato da criança ter enormes dificuldades de aceitar a figura do ensinante e as regras de modo geral e, contrapondo-se, age agressivamente. Veremos que a postura de onipotência e a agressão provavelmente têm raízes na sua própria história de vida articulada com a história de vida da sua família.

No estudo sobre “Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional” WINNICOTT (1982\*, p. 356) diz que: “... se a sociedade está em perigo, a razão disso não se encontra na agressividade do homem, mas na repressão da agressividade pessoal nos indivíduos”.

O autor fala também das dissociações que ficam ocultas na aceitação social, num contexto em que, a luz da psicologia total, ser fraco, por exemplo, é tão agressivo quanto o ataque do forte ao fraco. Neste sentido, é necessário refletir sobre a maneira como o adulto lida com as atitudes agressivas da criança, por vezes, assumindo uma postura de imobilismo e impotência e/ou como melhor lhe convém, para atender aos seus próprios interesses, constituindo-se, igualmente, em agressão.

Por outro lado, a agressividade é algo saudável e está relacionada com a atividade, enquanto que a agressão tem origem na forma gradativa como a pessoa ao se constituir vai organizando as funções parciais das suas atividades e, portanto, as intencionalidades.

Para WINNICOTT (1982\*, p. 357), nem um ato agressivo é totalmente entendido como sendo isolado, e dentre outros aspectos, destaca “A criança no seu meio ambiente, com adultos cuidando dela” como algo merecedor de ser levado em consideração, pois o comportamento agressivo de uma criança em muito se vincula às suas elaborações no próprio mundo interno, frente as suas experiências e interações com o outro. Sendo assim:

Alternativamente, a criança que internalizou os pais que brigam, periodicamente, faz com que as pessoas à sua volta briguem, utilizando então a maldade externa real como uma projeção do que era ‘mau’ dentro. Neste caso, pode ocorrer momentos de loucura, com uma verdadeira alucinação de vozes ou pessoas que brigam. ( WINNICOTT, 1982\*, p. 361)

A queixa e os dados da anamnese, articulados com a avaliação, sugerem que os problemas de aprendizagem de Renata, todos relacionados à utilização de regras, e aqueles comportamentais, com ausência de limites e resistências às orientações dos adultos estão interligados, são distúrbios emocionais oriundos da dinâmica da sua família e, principalmente, da relação com o seu pai, e deste, com a esposa. Fato evidenciado durante as sessões psicopedagógicas, ocasiões em que a criança pouco se referiu ao pai, inclusive quando fez o desenho da família, este foi o último a ser representado e o único sobre o qual não fez quaisquer comentários. Por outro lado, o pai sequer dividiu com a esposa a responsabilidade de comparecer ao consultório, em algum momento do atendimento, confirmando uma certa omissão na educação da filha.

Ao analisar a teoria Kleiniana, LEVISKY (1991, p.49) diz que:

Na prática, uma criança pode depositar na professora, ou na escola, sentimentos agressivos originariamente destinados às figuras parentais... Uma outra criança, muito invejosa da imagem que faz das capacidades de seus pais, poderá, como fruto desta inveja, desprezar em sua imaginação a fonte de novos conhecimentos e assim dificultar o seu progresso.

Por ser a única criança da família, Renata tem atitudes progressivas e resiste a sua posição de dependência em relação aos adultos, estendendo-se à escola na figura da professora e dos conteúdos programáticos carregados de regras a serem seguidas. Perceber que as atitudes agressivas são frutos da inveja que nutre pela dependência ao adulto e que, este adulto que odeia é o mesmo que a protege, segundo, ainda a teoria Kleiniana, a dor e os ataques da criança são superados pelos impulsos amorosos, incorporando o bom que existe no outro, assimilando e desenvolvendo em si mesma aquilo que é positivo.

Concordo com LEVISKY (1991, p.50) quando diz: "O processo educacional não começa na escola. Ele se inicia, a meu ver, a partir das primeiras relações afetivas com a mãe, com o pai e com a família". Com isto, o autor quer enfatizar a importância que tem para o aprendizado da criança, a qualidade dos seus primeiros vínculos afetivos, ou seja, desde cedo, como acontecem as relações com seus pais e, conseqüentemente, também, com o desenvolvimento da própria personalidade. A criança que sofre abandono, mesmo que seja psicológico, tende a acumular para o resto da vida, perdas e seqüelas psicoafetivas que podem estar se evidenciando nas agressões, por exemplo, a professora, carregadas dos conflitos que permeiam sentimentos como o amor e o ódio.

Num outro estudo de WINNICOTT (1982\*\*, p. 129) sobre o papel do pai na criação dos filhos, ele coloca que a criança torna-se mais dócil e fácil de se lidar quando a relação entre os seus pais é harmoniosa, justamente por se sentir mais segura e confiante. Neste contexto, segundo o mesmo autor, insere-se o respaldo que o pai deve dar para que a mãe exerça a autoridade perante os filhos, uma vez que, normalmente, a mulher dedica um tempo maior para a educação dos mesmos, embora, com isto, não se exima à relevância da presença física do pai, pois a criança necessita de um pai vivo e real.

Na página 131, do trabalho que me referi, no parágrafo anterior, o autor cita o exemplo de um menino e uma menina que viviam com a mãe numa bela casa, enquanto o pai estava na guerra. Não lhes faltava nada e, por instantes, pensavam que eram felizes. Vez por outra, tinham surtos de reações anti-sociais e, por pouco, não destruíam a casa inteira. Mais tarde, puderam perceber que as explosões eram tentativas inconscientes para chamar a presença do pai em pessoa. A mãe conseguia contornar as crises, apoiada nas cartas que recebia do marido, mas, na verdade, gostaria mesmo de contar, pessoalmente, com o mesmo, para dividir a responsabilidade na educação dos filhos.

O exemplo acima ilustra muito bem a discussão que ora realizo, pois, em muito se assemelha com o caso de Renata, uma vez que as atitudes agressivas da mesma como, rasgar a agenda e o Relatório Avaliativo da escola, a destruição dos próprios objetos, dos que são da irmã, dos colegas e o escândalo dado num shopping center por desejar um objeto que a mãe não pode adquiri-lo, a rejeição a professora, e ao estudo em si, podem ser indiciários de formas, inconscientemente, de chamar a atenção e a presença física do próprio pai, pai este que a rejeitou, desde a vida intra-uterina e, de certa forma, também chamar a atenção da mãe, que admite a posição de impotência perante os filhos, decorrente da desautorização do marido para que aja como uma autoridade. Sintetizando: "Quando o pai e a mãe aceitam facilmente a responsabilidade pela existência da criança, o cenário fica montado para um bom lar".

### III Parte – CONCLUSÃO

O momento de devolução para a criança aconteceu após um período de férias. Renata chegou ao consultório carregando um livro-coletânea de vários clássicos da literatura infantil que ganhara, de surpresa, do pai. Escolheu um dos contos e leu em voz alta. Em seguida, conversamos um pouco sobre a história lida – O Rei Leão – que ela disse ser Simba o personagem de quem mais gosta, e justificou: “- *Porque ele era pequeno e queria ser um leão igual ao pai*”. Perguntei-lhe o que achava do que acabara de falar e ela disse: “- *Quando a minha irmã viaja, eu gostaria de ser grande para ir com ela*”. Conversamos um pouco sobre os aspectos “positivos e negativos” de cada faixa etária e, juntas, recapitulamos as atividades realizadas durante o diagnóstico e, simultaneamente, fui evidenciando o que a mesma faz de melhor e, por último, falei da necessária indicação para atendimento Psicopedagógico, o que aconteceria com um outro profissional e teria o objetivo de cada vez mais melhorar o seu desempenho nas relações com a aprendizagem e com as pessoas que a ensinam, de modo geral.

A mãe compareceu sozinha, para a entrevista de devolução. Comecei retomando a queixa inicial, para em seguida falar dos instrumentos aplicados no diagnóstico, das dificuldades e possibilidades de Renata.

Recomendei ao pai um repensar sobre a sua postura em relação à filha e a família, assumindo o seu papel. Para a mãe, maior firmeza nas decisões tomadas, evitando comparações entre os filhos.

Sugeri que periodicamente, a família poderia discutir, em reunião, sobre os direitos e deveres de cada membro e as regras comuns a todos para uma convivência mais harmoniosa e, com isto, resgatando um pouco do diálogo, da importância da organização, respeito mútuo e aos espaços e direitos dos outros. Entretanto, atentar para o cuidado com o cumprimento do que for estabelecido, pois a referência dos adultos é primordial para a fase que Renata atravessa.

À Escola, sugeri propiciar que Renata conheça os objetivos de cada trabalho, a sua real função para a vida e as razões, quando necessário, ter de refazer alguma atividade. Solicitar a sua participação, no dia-a-dia, da organização da sala e evidenciar em seus aspectos positivos. Realizar, com os alunos, a tomada de decisões de questões do dia-a-dia da sala de aula.

Ainda, em relação à Escola, por não atender as expectativas da mãe e de Renata, parece ser o caso de, a longo prazo, pensar na transferência para uma outra, com uma proposta mais aberta e participativa.

No momento, o atendimento indicado para o caso, é Psicopedagógico, para que Renata possa descobrir o prazer de aprender, de aprender a aprender e melhor se relacionar com a autoridade exercida pelo ensinante, seja na família ou na Escola. Poderia ser desenvolvido um trabalho que levasse em consideração a autoria de pensamento, articulada com a consciência das suas posições, percepções e sentimentos em relação ao outro, e da sua própria história de vida, inserida num mundo de constantes transformações. Penso que, neste caso, um trabalho com jogos de regras, mas, predominantemente, recorrendo às diversas dimensões das Artes, seria por demais significativo, permitindo um movimento de encontro com a própria sensibilidade e de se colocar no lugar do outro, através de representações de cenas, dramatizações com inversões de papéis, criação de roteiros, poesias e etc. Situações que a façam perceber que o mundo e as pessoas são capazes de mudar e se tornarem mais humanas, sendo possível ser valorizado e se autovalorizar pelo conhecimento adquirido e/ou construído.

Simultaneamente, seria recomendável uma Terapia para a Família, que pudesse contribuir para a redefinição dos papéis de cada membro nessa família, bem como, o assumir desses papéis, para construção do respeito e para a tolerância entre os mesmos.

Com isto, Renata poderá avançar na relação com a figura do ensinante, seja na família, na escola ou em qualquer outra situação.

#### **IV Parte – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de avaliação psicopedagógica foi, para mim, uma experiência nova. Estar num consultório como terapeuta me fez olhar aquela criança de maneira diferenciada da que, costumeiramente, fazia com tantas outras na prática enquanto pedagoga. Os conhecimentos interdisciplinares da psicopedagogia abriram-me o leque em torno da compreensão de como se dão os processos de aprendizagem e a subjetividade própria de cada sujeito.

O caso que estudei durante o processo de diagnóstico, mobilizou-me, num primeiro momento, a superar a ansiedade de estar atendendo em consultório pela primeira vez, embora que, fazendo uma auto-avaliação considere que estive tranqüila nos momentos de atendimento, a expectativa era bem maior para as análises das falas, dos detalhes, das produções da criança e na articulação entre todos estes componentes com a queixa. Posso dizer que, de modo geral, apesar de ser uma experiência nova, senti-me bastante à vontade.

Não sei se, por ter mexido um pouco com o meu narcisismo, mas o momento de maior desconforto para mim foi quando a garota se recusou a entrar sozinha comigo no consultório, e depois foi quando na penúltima sessão lhe falei que, possivelmente, outro profissional daria continuidade à outra etapa do atendimento, e Renata reagiu contrária. Neste instante, se confirmava o vínculo transferencial que já havia se formado e pôde, mais precisamente, avaliar a repercussão do trabalho psicopedagógico. Digo isto, pelas características do caso, uma garota que rejeitava o ensinante, o adulto, naquele momento, sentia-se compreendida e passou a lidar naturalmente com essa relação. A reação suponho, tenha sido por receio de perder o que se construía, a sua mãe e a professora já afirmavam terem percebido mudanças positivas no seu comportamento.

Aliás, desde os primeiros contatos com a mãe pude perceber a sua insegurança em relação às ações com a filha, insatisfação no relacionamento com o marido mas, ao mesmo tempo, muita dependência. Mostrou-se esperançosa de que, no consultório, fossem resolvidos os problemas de falta de limites de Renata e logo preoquei-me em não aconselhar e nem me tornar terapeuta da mesma, que sentia uma enorme necessidade de falar dos seus problemas. Com uma dose de ansiedade, durante as entrevistas, procurei ouvi-la articulando os dados da anamnese, que iam sendo colocados, com a queixa inicial, e assim, foi se construindo um vínculo de confiança e os primeiros passos para a avaliação.

Durante todo o atendimento, a mãe justificou a ausência do marido no consultório. Entretanto, ao concluir o atendimento, durante a devolutiva, à medida que fui falando às conclusões que havia chegado sobre o caso, a mesma conseguiu colocar a verdadeira razão do marido não comparecer ao consultório, confirmou as minhas hipóteses e disse ser realmente por omissão, por comodidade, por *“não querer se envolver no problema da filha”*.

Concluí o diagnóstico, amparada por uma teoria de base psicanalítica, com a sensação de ter conseguido visualizar a queixa de forma ampliada, por diversas facetas, mas, num ponto de convergência, procurei discutir a questão, ou seja, *As influências da dinâmica familiar na relação ensinante-aprendente*.

<sup>1</sup> Todos os nomes próprios apresentados ao longo deste trabalho, são fictícios.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- BARONE, Leda Maria, C., *De ler o desejo ao desejo de ler*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.  
BOSSA Nádia. A., e OLIVEIRA, V era. B. de. (Orgs.), *Avaliação psicopedagógica da criança*

de sete a onze anos. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

DIAS, Cristina Brito., Avaliação da personalidade infantil. João Pessoa/PB: Idéia, ,1998.

FERNANDEZ, Alicia., A inteligência aprisionada. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1990.

\_\_\_\_\_. , A mulher escondida na professora. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1994.

LEVISKY, David Léo., Algumas contribuições da psicanálise a psicopedagogia. In: SCOZ, Beatriz J. L. et al. (Org.), Psicopedagogia: contextualização, formação e atualização. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1991.

PAIN, Sara., Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1992.

RUBINSTEIN, Edith., A intervenção psicopedagógica clínica. In: SCOZ, Beatriz J. L. et al. (Org.), Psicopedagogia: contextualização, formação e atualização. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1991.

WEISS, Maria Lúcia . L., Psicopedagogia Clínica. Uma visão diagnóstica. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, , 1992.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre diagnóstico psicopedagógico. In: SCOZ, Beatriz J. L. et al. (Org.), Psicopedagogia: contextualização, formação e atualização. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1991.

WINNICOTT, D. W., Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional (1950-5). In: Da pediatria a psicanálise. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982\*, pp. 355-374

\_\_\_\_\_. , E o Pai?. In: A criança e seu mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, pp. 127-133.

\_\_\_\_\_. , A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes,1993.